

O SERVIÇO COMO ESSÊNCIA (Mc 10,41-45)

Prof. Dr. Pe. Cláudio Francisco de Oliveira

RESUMO

Os pontos de contato de Mc 14,24 com 10,41-45 (principalmente no estudo de αἷμα como entrega da vida) aconselha um estudo de Mc 10,41-45 sobre um fundo do Sangue da Aliança. Este estudo é feito em duas partes: 1º- O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir. 2º- e dar sua vida como resgate por todos. Ambas as partes se iluminam reciprocamente. No mais, os pontos de contato com 10,35-40 são muitos, dada sua pertença à mesma seção do Evangelho.

As Palavras Chaves: Autoridade/ Serviço/Doação/Entrega.

ABSTRACT

The points of contact of Mark 14,24 with 10,41-45 (mainly in the study of αἷμα as a surrender of life) recommends a study of Mark 10,41-45 on the bottom of the Blood Alliance. This study is done in two parts: First - The Son of Man came not to be served but to serve. Second - and to give his life as ransom for all. Both parties illuminate each other. In addition, the points of contact with 10,35-40 are many, due to their membership of the same section of the Gospel.

Keywords: Authority / Service / Donation / Surrender.

1- O TEXTO

"Quando os outros ouviram isso, indignaram-se com Tiago e João. Mas Jesus os chamou e lhes disse: Sabeis que entre os pagãos, os que são tidos como chefes submetem os súditos, e os poderosos impõem sua autoridade. Não será assim entre vós: ao contrário, quem quiser entre vós ser grande, que se faça vosso servidor, e quem quiser ser o primeiro, que se faça vosso escravo. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida como resgate por todos" (Mc 10, 41-45).

A reação dos outros dez discípulos, com relação ao pedido de Tiago e João (10,35-40), dá espaço propício a um doutrinamento especial aos Doze, os quais Jesus chama majestosamente. O comportamento dos soberanos e dos grandes deste mundo serve de comparação. Esconde-se uma nota de ironia nesta comparação. Pode-se entender esta ironia quando se diz que "parecem dominar os povos". O que chega a compreender sabe que Deus é o autêntico soberano. Os grandes deste mundo abusam de seu poder e se voltam inclusive contra seus subordinados. Os destinatários do escrito de Marcos viveram o despotismo de Nero. A comunidade dos discípulos deve reger-se por outra lei. Diante da conversa com os filhos de Zebedeu desvia-se o horizonte da pergunta. Não se debate mais os privilégios no mundo celeste, mas a ordem na comunidade¹.

Com este episódio se conclui realmente um ciclo narrativo que engloba a revelação do mistério central contido na narração de Marcos: Jesus, que é reconhecido como o Cristo (Mc 8,29) deve subir a Jerusalém para sofrer a paixão, ser crucificado e ressuscitar (Mc 8,31 e Mc 9,31) como está escrito dele (Mc 9,12). Esta revelação, dada como instrução aos discípulos, culmina na terceira cena do episódio (Mc 10,35-45)².

Em Mateus, este texto é uma continuação do tema "grandes e pequenos", desta vez no plano do poder. O episódio acontece no círculo dos Doze e mostra como os apóstolos entenderam mal o ensinamento do Mestre. Do

¹ Gnlika, J., *El Evangelio según San Marcos*, II (Salamanca 1986), p. 119.

² Para Mc 10,41-45: cf. Seeley, D., "Rulership and Service in Mark 10,41-45", *NT* 35 (1993) 243-250; Wischmeyer, O., "Herrschen als Dienen in Mark 10,41-45", *ZNW* 90 (1999) 2p. 6-44.

fato concreto passa-se ao princípio geral, válido para a comunidade. Para Mateus, é a mãe que pede. Este pedido pode recordar as manobras de Betsabeia em favor de seu filho Salomão (1Rs 1,15-21) e se une com a promessa dos Doze tronos (Mt 19,28). Deste texto sai a conseqüência: como exercer a autoridade na comunidade cristã. Jesus é o exemplo e o modelo supremo de serviço e de entrega (cf. Is 53,12; 1Tm 2,6).

Em Lucas encontramos um texto bastante desigual em relação a Marcos e Mateus por estar num contexto da Última Ceia. Lucas põe a resposta de Jesus em contrapartida à arrogância dos discípulos, sob a forma de um discurso informal (22,24-28). Quanto ao tema, há várias semelhanças com respeito ao discurso pronunciado em um banquete anterior (14,7-35). Mas o discurso, chamado de despedida, esteve motivado imediatamente pela discussão provocada entre os discípulos, depois que Jesus anunciou que ia ser traído por um deles (22,21-24). Só é possível resolver a discussão pelo dom da humildade e do serviço, cujo exemplo é o próprio Jesus (22,25-30)³. A versão de Lucas ilustra a relação profunda deste ensinamento de Jesus (Lc 22,24-27) com a Eucaristia (Lc 22,19-29).

1.1-O ENTORNO AO TEXTO

Estes versículos encontram-se inseridos no terceiro anúncio da paixão (10,32-52)⁴. Pela terceira vez Jesus anuncia seu caminho de morte, culminando assim sua catequese eclesial. Marcos vincula palavra e vida de Jesus. Há um anúncio de morte (10,32-34). O que era descobrimento da vontade de Deus (8,31) e catequese eclesial (9,31) se transforma agora em anúncio detalhado de juízo e morte. Jesus expõe o fundamento no serviço (10,35-45). Toda a mensagem de Jesus conduz à exigência de superar o poder, interpretando a vida como serviço. A seção termina com um cego que se transforma em discípulo (10,46-52). O mendigo de Jericó pede ao Filho de Davi a vista, precisamente para seguir-lhe em seu caminho.

Deste modo, além do motivo temático da instrução aos discípulos sobre o destino do Filho do Homem, seu sofrimento, crucificação e ressurreição, tema abordado por três vezes (Mc 8,31; 9,31; 10,33-34), há narrativamente

³ Oyin Abogunrin, S., "Lucas", *CBI*, 1300.

⁴ Gnilka, J., *Marcos*, II, p. 111.

um resultado e conclusão sobre o fim para o qual deve suceder isto, explicando que sua morte é, na realidade, uma oferta e que esta oferta é um serviço prestado a muitos, regatando-lhes a vida com o sacrifício de sua própria⁵. Não há nenhuma outra coisa que Jesus queira dizer tão expressamente aos discípulos. A pequena diferença entre “o servidor de todos” (9,35), “vosso servidor” (10,43) e “o escravo de todos” (10,44) indica mais exatamente do que se trata. Este serviço não deve excluir ninguém, mas deve ser praticado, e praticado justamente por eles, e não sendo deixado portanto, à livre escolha, pois quem quer seguir Jesus deve fazer-se escravo e servidor de todos⁶.

Seguindo o texto de Marcos, após o protesto de Pedro (8,32), Jesus fez seus discípulos participarem dos ensinamentos (8,33), como também o povo (8,34-9,1). Mas depois da grande resposta aos dois irmãos (os filhos de Zebedeu), ele se volta ao grupo dos Doze (10, 41-45), para dar a grande lição do Serviço. Esta é a terceira e última, mas a mais breve instrução, com um único tema. Jesus recorda aos discípulos o comportamento dos grandes da terra (10,42) e os contrapõe com força o como deve ser entre eles (10,43-44), colocando como base o comportamento do Filho do Homem (10,45). Desta forma, este se encontra entre o exemplo negativo que vem dos grandes, e aquele positivo, que vem do Filho do Homem⁷.

1.2- O TEXTO DE MC 10,41-45

Estes versículos formam uma estreita unidade com os precedentes. Novamente o evangelista nota que Jesus chama os Doze (Mc 10,42). Está terminando sua vida pública e os discípulos não compreendem o discurso da cruz. E Jesus esclarece em que consiste a grandeza do homem. O serviço, enquanto busca do último lugar como modo de entrega aos demais é a atitude mais própria do verdadeiro seguidor. Ser servidor e escravo de todos (10,43-44). A primeira palavra que se destaca no texto é o termo “διάκονος”⁸, e a segunda, o servo (δούλος). O Filho do Homem não veio para ser servido,

⁵ Casalini, N., *Introduzione a Marco* (Jerusalem 2005), p. 173.

⁶ Stock, K., *Marco. Commento contestuale al secondo vangelo* (Roma 2002), p. 212.

⁷ Stock, K., *Marco*, p. 212.

⁸ “Jesus caracteriza portanto, a seus seguidores como os que, dentro da comunidade são ‘servidores’ (διάκονος: o que serve por amor), e com respeito à humanidade, ‘servos’ termo

como no caso da tradição de Daniel (Dn 7,13-14), mas sim para servir, como o Servo de Yahweh (Is 53)⁹ e dar sua vida em resgate por muitos. Existe aqui uma nova leitura de Jesus da tradição judaica. Ao Filho do Homem de Daniel os povos lhe rendem homenagem, mas Jesus, o Filho do Homem, será entregue nas mãos dos homens¹⁰.

Vamos agora apresentar, brevemente, algumas considerações que surgem da leitura do texto.

A) O VERSÍCULO 41

O *καί* (no texto grego), desta perícopé une esta cena com a anterior. No v. 41 não se diz o motivo da indignação. Será porque lhes incomodou a atitude ambiciosa de Tiago e João? Ou será porque eles também ambicionavam esses postos e os dois se adiantam? Pesch¹¹ vê aqui um reflexo do que estaria passando na comunidade de Jerusalém depois do martírio de Tiago, por isso Jesus lhes ensina a “regra de humildade”: *ser o maior é ser servo de todos*. Estes versículos formam uma estreita unidade com os precedentes, mesmo que este versículo possa ser vinculado mais aos anteriores que aos consequentes. Novamente o evangelista nota que Jesus chama os Doze, para esclarecer em que consiste a grandeza do homem¹².

explicitamente oposto a toda concepção pagã de domínio e de poder” (cf. Mateos, J. - Camacho, F., *Marcos. Texto y Comentario* [Madrid 1994], p. 193).

⁹ Toda a vida e morte de Jesus se entendem como serviço. Só desta maneira o Filho do Homem se converte em salvador de todos os homens. A “vinda” de Jesus significa toda a sua vida e todo seu atuar. Estar debaixo da vontade de Deus. O vir “não para ser servido” exclui toda forma de autoridade segundo o modelo mencionado no v. 42. A vida de Jesus mostra de maneira exemplar este novo modelo de servir e se converte em ponto de referência de toda sua obra. À luz da nova atitude básica do serviço se repensa todas as relações entre os homens (cf. Lentzen-Deis, F., *Comentario al evangelio de Marcos*, [Editorial Verbo Divino], p. 325).

¹⁰ Castro Sanchez, S., *El Sorprendente Jesús de Marcos, El evangelio de Marcos por dentro* (Madrid 2005) 288.

¹¹ Pesch, R., *Das Markusevangelium*, I-II, (HThK 2/1-2; Freiburg 4¹⁹⁹¹), p. 209.

¹² Castro Sánchez, S., *El Sorprendente Jesús de Marcos*, p. 287.

B) O VERSÍCULO 42

A reação dos dez discípulos do v. 41 dá pé a um ensinamento especial aos Doze. O comportamento dos soberanos e dos grandes deste mundo serve de comparação no texto do v.42, que aparece como um paralelismo interno de sinônimo. Afirma uma distinção de classes. Algo que os discípulos seguramente conhecem e sabem: “vós sabeis”. Isto se marca na situação e na experiência dos pobres da Palestina e serve para mostrar a contradição com a nova sociedade do Reino que será apresentado em 43-44. É interessante a característica da sentença: “os que aparentam ser...”. É uma linguagem irônica. Jesus não reconhece a autoridade destes chefes. Eles aparentam ser autoridade. E como sua autoridade é fictícia, a consequência é a opressão e a dominação. A verdadeira autoridade se dá no clima do Reino, Deus é o autêntico soberano. A autoridade deste mundo é aparente. A referência aos povos pagãos é uma confirmação disso, já que no novo Israel isto não sucede¹³.

C) OS VERSÍCULOS 43-44

Os vv. 43-44 são um paralelismo impossível de dividir. Jesus retoma o tema de 9,35, mostrando um esquema social oposto ao que se vive “no mundo”. Isto está dado pelo presente “não é assim entre vós” (οὐχ οὕτως δέ ἐστιν ἐν ὑμῖν), que denota uma certa experiência de vida comunitária como para deixar clara a diferença com a autoridade mundana. O contexto é similar a 9,35: é uma regra de humildade para a comunidade¹⁴. A sentença: “o que quer...” (ὄς ἀπὸν θέλη) denota que se pode ter vontade de aspirar aos postos de poder e direção¹⁵. Aqui, a palavra “διάκονος” não designa somente os ministérios, mas sim uma atitude de disponibilidade ante as necessidades dos membros da comunidade. A atitude de servir se opõe a de dominar, e o que serve está em relação de dependência¹⁶.

A comunidade dos discípulos deve reger-se por outra lei. Diante da conversa com os filhos de Zebedeu, mudou-se o rumo e o horizonte da

¹³ Gnilka, J., *Marcos*, II, p. 119.

¹⁴ Mateos, J. - Camacho, F., *Marcos*, p. 193.

¹⁵ Ver também 1 Tm 3,1ss.

¹⁶ Gnilka, J., *Marcos*, II, p. 119.

pergunta. Não se debatem mais os privilégios no mundo celestial, mas sim a ordem na comunidade. Aqueles que têm vocação de dirigir, governar e tomar a frente na comunidade cristã, devem atuar como servidores e escravos. Não devem deixar-se levar pela ambição do poder, mas sim colocar-se à disposição do serviço¹⁷.

Posteriormente diakonía se identifica com a fração do pão, o serviço às mesas, a atenção aos pobres, a pregação, a direção (At 6,1-7). Podemos dizer que toda obra dentro da comunidade é chamada diakonía. O cristão é *διάκονος* da comunidade. A oposição com o mundo circundante se dará pelo estilo de vida e o modo de exercer a autoridade. Eles, os Doze, que são a autoridade para a comunidade, deverão ser servidores¹⁸.

D) O VERSÍCULO 45

No v. 45, a estrutura desta sentença é a de um paralelismo semítico. O sentido de “dar a vida como serviço” une este versículo com o anterior: o maior serviço é entregar a vida. E isso uniria Jesus e sua missão com o estilo de vida dos discípulos. Segui-lo implicaria também em assumir o serviço como estilo de vida. Esta idéia de dar a vida como resgate (*λύτρον*) tem, sem dúvida, como fundo Is 53,10. É opinião comum sustentar que se trata de aplicar a Jesus a ideia de substituição vigária¹⁹.

Se bem que, no referente ao martírio, há várias opiniões e discussões sobre a questão de que Jesus entendeu sua vida como serviço e com esta ideia teve de assumir sua morte. A ideia de resgate (*λύτρον*), com um fundo de Is 53,10 (expição) é a concepção do resgate que paga o escravo (ou se paga por ele), para sua libertação. A Bíblia dos LXX traduz o termo “Goel” com “lytron”: “...em lugar de muitos” reafirma a ideia de vicariedade²⁰. Este versículo faz uma conexão com 14,24, como vamos ver mais adiante.

Não se diz no texto para quem há de pagar este resgate, nem quando se dará a libertação, se no momento da morte ou de um juízo futuro²¹.

¹⁷ Gnilka, J., *Marcos*, II, p. 119.

¹⁸ Stock, K., *Marcos*, 212.

¹⁹ Gnilka, J., *Marcos*, II, 120; Beyer, H.W., “*διακονέω*”, *GLNT*, p. 954-955.

²⁰ Hess, K., “*Servicio*”, *DTNT*, IV, 212.

²¹ Gnilka, J., *Marcos*, II, 120, diz que “habrá que tener en cuenta ambos momentos”.

Πολλῶν indica universalidade deste sacrifício, ou seja, “muitos” não exclui “todos”. Esta questão estaria confirmada pela tradição da Igreja primitiva, especialmente a teologia paulina (1 Tim 2,6; Tit 2,14)²².

O fundamento desta exigência é o serviço e a morte expiatória do Filho do Homem. Com estes dois dados se resume a totalidade da vida de Jesus, sob um aspecto determinado como sucede também na palavra “veio” (ἦλθεν). Sua morte tem um sentido soteriológico único, mas que também obriga os discípulos. Apesar da imbricação do aspecto parenético e do soteriológico, a afirmação cristológica é única, enquanto que sua entrega à morte é a expressão unívoca deste serviço. O dito aqui resulta ininteligível se não tem presente o fundo de Is 53,10-12. Apesar de que não se cita o texto de Isaías nem se aplica a Jesus, a totalidade do destino do servo de Yahweh, a ideia da morte expiatória vicária por muitos, foi tomada daí, de forma livre segundo Gnllka²³. Diante de Is 53, onde se apresenta o sofrimento expiatório do servo como atuação de Deus (e também frente a 2 Mac 7,37ss; 4 Mac 6,28ss; 17,20-22) o dito do Filho do Homem acentua a entrega voluntária da vida (sentido bíblico de αἷμα τὸ ἐκχυννόμενον).

2-O SERVIÇO

Para compreender o que Jesus quis dizer no texto de Mc 10,45, devemos buscar antes uma visão geral da palavra, situá-la e contextualizá-la. Assim, poderemos chegar à essência do que Jesus ensinou aos seus discípulos nesta perícopes de instrução e ensinamento.

2.1-Preâmbulo do Serviço

O verbo διακονέω refere sempre a algum tipo de serviço: nas mesas ou nos banquetes, às pessoas, incluso em atos culturais²⁴. No judaísmo, Filón

²² Cf. Brox, N., *Cartas Pastorales* (Barcelona 1974), p. 481.

²³ Gnllka, J., *Marcos*, I, p. 120.

²⁴ Este verbo se relaciona com outros que indicam situações similares: *douleuo* (serviço de escravos); *latreuo* (serviço religioso, à divindade). Como também com substantivos: *leitourgia* (serviço público, ao Estado. No cristianismo, é o serviço à Igreja e ao culto); *hyperetes* (serviço para o outro, ajudante).

conhece o termo relacionado com o serviço das mesas; e também Flávio Josefo que ademais amplia o termo ao sentido de prestar serviço sacerdotal²⁵.

No mundo grego “διακονέω” (servir), é “o serviço enquanto dependência que é algo indigno e desonroso para um homem livre”²⁶. Se o termo se amplia enquanto serviço ao bem comum ou a uma divindade, “se converte em uma tarefa e em uma atividade dignas do homem livre”²⁷. Assim, pouco a pouco, este termo vai tomando características de “dignidade”: o serviço ao estado ou à divindade “faz” a perfeição do homem.

O conceito de serviço na doutrina de Jesus se desenvolve partindo do preceito veterotestamentário do amor ao próximo, que Ele retoma e junta com o preceito do amor a Deus (Mc 12,28-34) e faz desta sentença o caminho moral que Jesus requer para que o homem seja seu discípulo. Com isto, Jesus purifica o conceito de serviço que existia no judaísmo, dando uma conotação totalmente nova.

A LXX utiliza pouquíssimo a palavra serviço. Com exceção de Pr 10, 4, onde o termo parece indicar o trabalhador subordinado, distinguindo geralmente o servidor ou o vassalo da corte ou do rei. Alguma vez a palavra traduzida por servir, vem de λατρεύω como é o caso de Dt 6,13: “e somente a teu Deus servirás”²⁸. Ou do serviço manual ou escravo de prestar um trabalho a alguém que se traduz com a palavra δουλεύω.²⁹

2.2- O Serviço no NT

No NT διακονέω indica o significado próprio *servir à mesa*³⁰. Na mesa existe um contraste entre quem está sentado e quem está cingido e serve. A ação de Jesus em relação à dignidade de servir é revolucionária, enquanto ele transforma o valor moral de ser servido em servir.

²⁵ Beyer, H.W., “διακονέω”, GLNT, p. 954-955.

²⁶ Cf. Hess, K., “Servicio”, DTNT, IV, p. 212.

²⁷ Cf. Hess, K., “Servicio”, p. 212.

²⁸ Cf. Ex 23,25; Dt 7,16; 10,20; 28,36.48.

²⁹ Cf. Gn 29,20.30; Dt 15,18; Jz 2,7; 1 Rs 16,31; 22,54; 2 Rs 10,18; 18,7; 21,3; 2 Cro 33,3.22; Sl 17,44; Eclo 25,8; Ez 29,20.

³⁰ Lc 17,8: ἐτοιμάσων τί δειπνήσω καὶ περιζωσάμενος διακόνει μοι ἕως φάγω καὶ πίω; Jo 12,2: ἐποίησαν οὖν αὐτῷ δεῖπνον ἐκεῖ, καὶ ἡ Μάρθα διηκόνει, ὃ δὲ Λάζαρος εἰς ἦν ἐκ τῶν ἀνακειμένων σὺν αὐτῷ.

Para uma pessoa comum (e mais ainda para o mundo grego) se alguém lhe interroga sobre quem é o maior, se é o senhor que está sentado à mesa ou o que está cingido com um manto para o serviço, responderá sem sombra de dúvida, que é o que está sentado à mesa. Jesus se opõe com uma marcada acentuação (ἐγὼ δὲ...). Não é uma ideia genérica que servir seja mais que ser servido, mas sim, uma realidade: “Eu estou entre vós como servidor” (Lc 22,29). Isto disse Ele, o guia incontestado do grupo dos Doze Apóstolos, o Filho do Homem, o qual se diz ser o Senhor do Reino de Deus (Lc 22,30) ³¹.

No Novo Testamento se ressalta que a atividade de Jesus é considerada um *serviço* enquanto entrega de sua própria vida (Mc 10,45; Rom 15,8), e os mesmos discípulos devem assumir esta continuidade do *serviço*³². Na comunidade cristã, a diaconia é o serviço da caridade que os cristãos se prestam reciprocamente (1 Pe 4,10-11); o serviço que se presta ao Apóstolo³³; a coleta “para os santos” de Jerusalém³⁴. Também a tarefa da pregação é considerada diaconia³⁵. A diaconia, como serviço à Igreja, deriva do mesmo Cristo (1Cor 12,6; Ef 4,12).

Em um sentido amplo, todo ato que um cristão dirige para a Igreja é diaconia; provém de Cristo como seu inspirador e conduz à glória (cf. 2 Cor 3,8s). Paulo se apresenta a si mesmo como servidor: aquele por quem acreditam os Coríntios (1 Cor 3,5); servidor da Nova Aliança (2 Cor 3,6); servidor de Cristo (2 Cor 11,23) e de Deus (2 Cor 6,4)³⁶.

Este serviço é a pregação da Palavra, mas também o serviço material como é o caso da coleta (2 Cor 8,4; 9,1.12). Os companheiros de missão de Paulo são denominados também diáconos: Tíquico (Ef 6,21; Col 4,7); Epafra (Col 1,7); Timóteo (1 Tim 4,6).

O termo *διακονός*, que antes se utilizava como sinônimo de serviço, se utilizou para designar um determinado ministério, que tinha um lugar por si mesmo, incluindo tanto homens como mulheres, e não era um grau de

³¹ Kittel, G., “*διακονέω*”, *Grande Lessico del NT* (Brescia 1966) 959.

³² Cf. Mt 23,11; Mc 9,35; 10,43; Lc 22,26; Jo 12,26; 13, 14-16.

³³ Cf. At 19,22; Flm 13; 1 Tm 1,18.

³⁴ Cf. 2 Cor 8,19; Rm 15,25 e talvez também Hb 6,10.

³⁵ Cf. 2 Tm 4,11; At 6,4; 20,24; 21,19; 2 Cor 11,8.

³⁶ Idéia que é retomada em Ef 3,7; Col 1,23.25.

ministério “menor” como “passo” para o presbiterado ou episcopado. Por isso, não cabe dúvida de que o texto de 1 Tim 3,1-13 designa a esta altura o diaconato como um ministério³⁷.

2.3- MINISTÉRIO DO SERVIÇO

Desta análise podemos considerar que o *diaconato*, ou o *serviço*, é a atitude tanto do discípulo como do dirigente, enquanto que se trata do serviço à comunidade para que esta cresça e continue na história a mensagem de Jesus. Ninguém então, está isento de ser *diácono* na comunidade cristã.³⁸ Entretanto, é preciso reconhecer que o termo se utiliza de modo particular para designar a atitude e o modo de exercer a autoridade dos dirigentes da comunidade. Assim, Paulo, que se considera autoridade da comunidade e Apóstolo³⁹, também se considera servidor (diácono), não designando um ministério específico, mas enquanto que seu atuar é um serviço⁴⁰.

Mas, não há dúvidas que as primeiras comunidades cristãs relacionaram desde o princípio, direção e serviço. É por isso que seria interessante refletir sobre estes textos para observar como viveram e transmitiram em tais comunidades a questão do serviço. No texto de Mc 10,41-45 se contrasta o modo de exercer a autoridade na comunidade cristã com o modo de exercê-la fora dela⁴¹.

3-Dar a Vida (δοῦναι τὴν ψυχὴν)

A revelação que vimos em Mc 10,35-40, dita como instrução aos discípulos, culmina na terceira cena deste episódio (Mc 10,41-45), no qual Jesus se oferece como modelo de comportamento, declarando o valor substitutivo de sua morte⁴². Com estas palavras, (principalmente Mc 10,45), completa

³⁷ Pesch, R., *Das Markusevangelium*, II, p. 203.

³⁸ Mateos, J., *Los Doce y otros seguidores de Jesús en el evangelio de Marcos* (Madrid 1982), p. 236.

³⁹ Cf. Rm 1,1; 1 Cor 1,1; 15,9; 2 Cor 12,12; Gl 1,1.19; 2,8.

⁴⁰ Cf. Rm 1,1; 1 Cor 3,5; Gl 1,10.

⁴¹ Kittel, G., “διακονέω”, 959; Gnllka, J., *Marcos*, II, p. 120.

⁴² Cf. Seeley, D., “Rulership and Service in Mark 10,41-45”, *NT* 35 (1993), p. 243-250.

aquilo que faltava à instrução precedente porque indica com clareza o que ainda não tinha sido falado. A morte do Filho do Homem, significada pela forma: “dar a sua vida” (δοῦναι τὴν ψυχὴν αὐτοῦ) é comparada a um serviço (διακονῆσαι) e definida como “resgate” (λύτρον) pago em troca de muitos (ἀντὶ πολλῶν)⁴³.

A expressão “δοῦναι τὴν ψυχὴν” resume toda a vida de Jesus e revela sua missão. Quando Jesus diz: “O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos” (Mc 10,45), resume nestas palavras o objetivo essencial da sua missão messiânica: “dar a vida em resgate”. É uma missão redentora. E o faz para a humanidade inteira porque diz “em resgate por muitos”, segundo o modo semítico de exprimir os pensamentos, não exclui ninguém. À luz desse valor redentor já tinha sido vista a missão do Messias, no livro do profeta Isaías, particularmente nos cânticos do Servo de Yahwe (Is 53,4-5).

Estas palavras proféticas fazem compreender melhor o que Jesus quer dizer quando fala do Filho do Homem que veio para “dar a vida em resgate por muitos”. Ele pretende dizer que deu a própria vida “em nome” e em substituição da humanidade inteira, para libertar todos do pecado. Esta “substituição” exclui qualquer participação no pecado por parte do Redentor. Dizer que uma pessoa sofreu um castigo em lugar de outra, subentende evidentemente, que ela não cometeu a culpa. Precisamente, por que Aquele que “não cometeu pecado” (1 Pd 2,22), pode tomar sobre si aquilo que é conseqüência do pecado, ou seja, o sofrimento e a morte dando ao sacrifício da própria vida um valor real, um perfeito significado redentor⁴⁴.

3.1- O Resgate

Λύτρον significa no mundo grego e nos LXX o preço do resgate pela vida marcada pela culpa. Indica a fiança que se paga por um escravo ou por um prisioneiro de guerra⁴⁵. O Filho do Homem paga com sua vida, em lugar e em favor de muitos que caíram na perdição. Desta maneira se con-

⁴³ Cf. Watts, R. E., *Isaiah's New Exodus and Mark* (WUNT 88; Tübingen 1997), p. 250-269.

⁴⁴ Yarbro Collins, A., “The Significance of Mark 10,45”, among Gentile Christians”, *HTR* 90 (1997), p. 371-382.

⁴⁵ Büchsel, F., “λύτρον”, *ThWNT*, IV, (1984). P. 341.

verte em redentor deles. Não deveria negar aqui que se está pensando na libertação da culpa dos pecados. Não se diz a quem se deve pagar o preço do resgate. Aqui, interessa destacar a voluntariedade da morte. É incerto quando se opera a libertação redentora de muitos, se no juízo escatológico ou no presente⁴⁶. Teremos que levar em consideração ambos os momentos⁴⁷. Em Mc 10,45, Jesus exprime o sentido e o fim da missão para a qual Deus o envia, fundamentando o ensinamento no dever dos discípulos de servir; e com isso conclui toda sua predição e as instruções dadas no caminho de Jerusalém.

Difícilmente se poderá encontrar uma declaração de Jesus sobre seu agir que seja mais central e importante que esta. Ele veio porque Deus o mandou (9,37). Seguindo a vontade de Deus, toda sua obra é um serviço, tudo o que ele já fez e tudo o que ele fará ainda. Sua obra não é direta como a dos poderosos que se baseia na vantagem e no autoelevar-se, desta forma o que está em vista é somente o desejo dos homens. Este serviço não conhece medidas, Jesus não reserva nada para si mesmo, põe em jogo a própria vida para o resgate por muitos (10,45).

3.2- Um Terceiro

Jesus usa aqui uma metáfora. Na antiguidade, escravos e prisioneiros eram levados ao próprio destino e não podiam valer-se de si próprios. Todavia, era possível que, no lugar deles e por eles, um terceiro pagasse o resgate pela sua liberdade. Jesus é este terceiro: doa sua própria vida, libertando assim a muitos que estão na escravidão (cf. Is 53,10-12)⁴⁸. Deste modo também, o motivo temático da instrução aos discípulos sobre o destino do Filho do Homem, seu sofrimento, crucificação e sua ressurreição (Mc 8,31; 9,31; 10,33-34) fica narrativamente resolvido e concluído, dizendo-lhes o fim para o qual deve suceder isto e explicando que sua morte é em realidade

⁴⁶ Em Sab 5,1ss relaciona-se Is 53 (mesmo que deixe de lado a ideia de expiação) com o juízo escatológico. Em 4 Mac 6,28ss; 17,20-22, onde pode influenciar também Is 53, 4ss.12, pensa-se na reconciliação do povo no presente, que se produz mediante à morte expiatória dos mártires.

⁴⁷ Gnilka, J., *Marcos*, 120; Taylor, V., *Evangelio según San Marcos* (BBC; Madrid 1980), p. 531.

⁴⁸ Stock, K., *Marco*, p. 213.

uma oferta, e isto é o serviço que redime a muitos, resgatando-lhes com o sacrifício de sua própria vida⁴⁹.

Assim, isto que na instrução foi apresentado como uma necessidade de subir, já preestabelecida nas Escrituras (Mc 8,31; 9,12), agora é apresentado como um ato de serviço de sua vontade livre e como um sacrifício vital oferecido por todos. Desta forma, ele propõe-lhes o imitar como norma de comportamento aos discípulos. Para isso, ele veio para dar a vida e, assim, devem fazer todos os que o seguem. Falta agora somente o cumprimento⁵⁰.

3.3- A vida como serviço

O caminho que guarda esta meta passa antes pela dor e morte, e isso determina já aqui todas as condutas de quem Ele chama a participar no seu Reino. Por esta razão ao cristão se abre somente uma via para chegar à grandeza: tornar-se servidor (ὑμῶν διάκονος), fazer-se escravo de todos (πάντων δοῦλος) (Mc 9,35; 10,44)⁵¹.

Esta reviravolta de todos os conceitos humanos de grandeza e de graduações torna-se real pelo fato que o mesmo Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir (Mc 10,45a). A novidade com respeito a Lc 22,26 está no fato que Jesus, segundo Mc 10,45 e Mt 10,28, não se limita à metáfora do serviço à mesa e que διακονεῖν aqui não designa somente atividade caritativa ao próximo, mas vem carregado de significado como cumprimento de um sacrifício completo como dom da vida, dom que dá o sentido da essência mesma do serviço, do existir pelo outro na vida e na morte⁵².

4-POR MUITOS (ἀντὶ πολλῶν)

O indeterminado conceito “os muitos” compreende uma generalidade que designa uma comunidade delimitada, o novo povo de Deus. Pode interpretar-se também no sentido universal e estendê-lo a todos os povos da

⁴⁹ Casalini, N., *Introduzione a Marco*, p. 173.

⁵⁰ Casalini, N., *Introduzione a Marco*, p. 173.

⁵¹ Kittel, G., “διακονέω”, *Grande Lessico del NT*, p. 956.

⁵² Kittel, G., “διακονέω”, p. 958.

terra. Esta ideia universal emerge da dependência com respeito a Is 53,11 (πολλοίς) que o confirma⁵³.

A preposição ἀντί significa “por” no sentido de “em vez de” ou “no lugar de”. Marcos somente aplica aqui esta preposição, mas ela aparece mais vezes no NT⁵⁴. ἀντι não somente indica que “muitos” se beneficiam do ato da libertação, mas que recebem o que eles não podem realizar. πολλῶν, que recorda a Is 53,11ss, não exclui o significado de “todos”, mas contrasta o sacrifício de um só com todos os que se beneficiam dele. Esta expressão e pensamento são o mesmo que encontramos em Mc 14,24: “τοῦτό ἐστιν τὸ αἷμά μου τῆς διαθήκης τὸ ἐκχυννόμενον ὑπὲρ πολλῶν”, onde Jesus, tomando o cálice diz: “este é meu sangue da Aliança que é derramado por muitos”. A expressão ἀντι πολλῶν vai unida com λύτρον, ou seja, a entrega de si mesmo é o meio de libertação que “a multidão” não pode realizar por si mesma⁵⁵.

Com a expressão “muitos” se entende toda a humanidade; todos têm necessidade de tal ajuda e ninguém está excluído da liberdade que nos dá Jesus. Assim é dito também em 1Tm 2,4-6: “Deus quer que todos os homens sejam salvos... Deus é uno, há somente um mediador, o Homem Jesus Cristo, que se entregou em resgate por todos...” (cf. 2 Cor 5,14-15). Todos os homens são escravos da morte e do pecado e nenhum está isento; como também nenhum homem está em condições de libertar-se por conta própria. Cada um tem necessidade de uma terceira pessoa e de seu socorro. Todo o servir de Jesus segue a meta de libertar o homem do pecado, da separação de Deus, na reconciliação com Deus e a comunhão com Deus⁵⁶.

Anteriormente, Ele tinha dito sobre quem seriam seus missionários: “Não vim chamar os justos, mas sim os pecadores” (2,17). Assim, ele leva ao termo seu compromisso por ser o próprio Cristo, por meio do qual Deus doa a seu povo a grandeza da vida (8,29) por seu sangue, que é derramado por muitos (Mc 14,24: τοῦτό ἐστιν τὸ αἷμά μου τῆς διαθήκης τὸ ἐκχυννόμενον ὑπὲρ πολλῶν), ele resgata todos os homens dando sua própria vida por muitos (10,45).

⁵³ Gnllka, J., *Marcos*, I, 121. Cf. também 1Tm 2,6 (ὑπὲρ πάντων).

⁵⁴ Ver Mt 2,22; 5,38; 17,27; 20,28; Lc 1,20; 11,11; 12,3; 19,44; Jo 1,16 e 11 vezes mais no resto do NT.

⁵⁵ Taylor, V., *Marcos*, 532; As preposições ὑπὲρ e ἀντι segundo Aland, K., et alii, *The Greek New Testament*, Dicionário, pp. 16 e 185, coincide na tradução como: por; em lugar de; em vez de; em favor de.

⁵⁶ Stock, K., *Marco*, p. 213.

5-CONCLUSÕES (MC 10,41-45 E 14,22-24)

O relato (10,41-45) se situa na viagem de Jesus com seus discípulos a Jerusalém. Depois de ter anunciado por três vezes sua Paixão, se insere esta discussão pelos primeiros lugares na glória de Jesus. Ademais, no plano teológico, aparece em um contexto de juízo: pedem-lhe não só a autoridade dos postos, mas também a intenção de participar como juizes no trono, ao lado do Juiz. Jesus lhes diz que eles não têm ideia do que estão pedindo, que para chegar a ter autoridade, devem fazer o mesmo caminho que Ele fez: beber o cálice que Ele vai beber e ser batizado com seu batismo (10,35-40).

Aqui em 10,41-45, se compara a estrutura social do mundo, dividido em duas classes: chefes por um lado e oprimidos (povo), por outro. No texto, esta divisão se relativiza nas palavras de Jesus “*os que aparentam....*” Na estrutura do novo modelo social que é a comunidade cristã, quem tem autoridade não são os opressores mas sim os servidores. Com isto Jesus situa o desejo do poder. Não o nega nem o recrimina, mas que quer orientar aqueles que têm a autoridade ou querem tê-la na comunidade cristã: esta não é para preencher seus desejos egoístas, mas sim para o bem dos irmãos.

O fundamento desta regra está dado pelo argumento da mesma vida de Cristo: Ele, que é a autoridade, veio para servir. Assim o texto de Mc 10,45 ilumina a Última Ceia, em Mc 14,24, onde, no cálice de vinho ele diz ser “seu sangue que se derrama por muitos” (τοῦτό ἐστιν τὸ αἷμά μου τῆς διαθήκης τὸ ἐκχυννόμενον ὑπὲρ πολλῶν). Neste sentido, os discípulos seguidores assumem não somente o triunfo de Cristo, mas também o caminho para este triunfo: “dar a vida”. Aqui se dá, ademais um dado teológico importante para a cristologia: o serviço redentor é uma expiação, a modo de Is 53, uma substituição vicária. Ele morre a favor de..., no lugar de..., e por todos. Veio para resgatar, é o GOEL que paga por eles o preço da libertação. A esse modelo deverão seguir os discípulos.

Com isso fica claro que Jesus não somente introduz teoricamente uma mudança que converte o valor do ser e do agir humano, mas apresenta uma nova configuração de todas as relações entre os homens. Ele foi o primeiro e mais importante que serviu a humanidade de uma maneira única, com seu sangue derramando por todos os homens (Mc 14,24). Servindo assim a humanidade inteira: “o Filho do Homem veio para servir” (Mc 10,45), com a graça da salvação. Este é o ponto chave do trabalho e da vida de Jesus

que Ele apresenta no cálice do sangue da aliança. Ele dá sua vida em resgate por muitos, no cálice que oferece.

*Prof. Dr. Pe. Cláudio Francisco de Oliveira
Doutor em Teologia Bíblica pela Faculdade de Teologia São Dámaso
(Madrid). Leciona Sagradas Escrituras na Faculdade Paulo VI, de Mogi
das Cruzes – SP e no Seminário Mater Ecclesiae de Itapeirica da
Serra – SP.*

BIBLIOGRAFIA

- ALAND, K. *et al. The Greek New Testament*. Stuttgart: Former Editions, 1994.
- Beyer, H.W., “διακονέω”, *GLNT*, Ed. Paideia, Brescia, 1966; p.954-955.
- Brox, N. *Cartas Pastorales*, Barcelona: Herder, 1974.
- Büchsel, F., “λύτρον”, *GLNT*, Brescia: Paideia, , 1966; p.341.
- Castro Sanchez, S., *El Sorprendente Jesús de Marcos, El evangelio de Marcos por dentro*, Madrid: Editorial Desclée de Brouwer, 2005.
- Casalini, N., *Introduzione a Marco*, Jerusalém: Franciscan Press, 2005.
- Gnilka, J., *El Evangelio según San Marcos*, I-II, Salamanca: Sígueme, 1986.
- Hess, K., “Servicio”, *DTNT*, IV, Salamanca: Sígueme, 1987.
- Kittel, G.- Friedrich G., *Theological Dictionary of the New Testament*, Tomo II, Brescia: Paideia, 1967.
- Lentzen-Deis, F., *Comentario al evangelio de Marcos*, Estella: Verbo Divino, 1996.
- Mateos, J. - Camacho, F., *Marcos. Texto y Comentario*, Madrid: Cristiandad, 1994.
- Mateos, J., *Los Doce y otros seguidores de Jesús en el evangelio de Marcos*, Madrid: Cristiandad, 1982.
- Pesch, R., *Das Markusevangelium*, I-II, Brescia: Italiana, 1982
- Seeley, D., “Rulership and Service in Mark 10,41-45”, *NT* 35 (1993), p. 243-250
- Stock, K., *Marco. Commento contestuale al secondo vangelo*, Roma: ADP, 2002.
- Taylor, V., *Evangelio según San Marcos*. Madrid: Cristiandad, 1980.
- Wischmeyer, O., “Herrschen als Dienen in Mark 10,41-45”, *ZNW* 90 (1999), p. 26-44.
- Yarbro Collins, A., “The Significance of Mark 10,45” among Gentile Christians”, *HTR* 90 (1997), p. 371-382.